



REPÚBLICA PORTUGUESA

CULTURA

CULTURA DO NORTE

Concordo. Determino a abertura do procedimento de classificação. 20180305

A DCRP

[Handwritten signature]

ANTÓNIO BONTE
Diretor Regional

PAULA ARAÚJO DA SILVA
Diretora-Geral

Concordo.
Procedo o envio à
DGPC para abertura
do processo de
classificação.
À consideração superior

8.2.2018

[Handwritten signature]
MIGUEL RODRIGUES
DIRETOR DE SERVIÇOS

INFORMAÇÃO 1243095 DSBC/DRCN/18

data: 08.02.2018

cs: 1243095

Processo nº: DRP/CLS - 1412

Assunto: Processo de classificação do Teatro Sá da Bandeira, União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, concelho e distrito do Porto.

Enquadramento

Através de ofício com data de 4 de dezembro de 2018, o Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal do porto propõe a abertura do procedimento de classificação da Sala de Espetáculos do Teatro Sá da Bandeira (...).

A proposta é acompanhada pelo «Requerimento inicial do procedimento de classificação de bens imóveis», fotografias, planta de localização extratos das cartas do património, ordenamento, condicionantes, qualificação do solo e hierarquia rodoviária do PDM.

Pedimos e foi-nos depois enviada pela Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da CMP, a lista das licenças de obras existentes nos arquivos da Autarquia, cópia de alguns desenhos dos processos de licenciamento e fotografias do imóvel em formato digital.

Na sequência de visita realizada ao imóvel no dia 25 de janeiro, com técnicos da Divisão Municipal supracitada, foi-nos também enviado, pelo representante do arrendatário, mais um conjunto de fotografias e o levantamento arquitetónico (plantas) atualizado.



História construtiva

Podemos remontar a história do Teatro Sá da Bandeira a 1846, quando José Toudon Ferrer Catalon construiu um barracão de madeira para artes circenses, batizado Teatro Circo. Em 1858 o barracão é demolido e substituído por um novo circo em pedra, com 630 lugares.

Na sequência da eliminação da Viela da Neta e da abertura da Rua de Sá da Bandeira, é construído um novo edifício com dimensões aproximadas ao atual. Batizado Teatro-Circo Príncipe Real, é inaugurado em 12 de março de 1874, *com capacidade para 1770 lugares, distribuídos por duas frisas à boca de cena, 32 camarotes de primeira ordem, 26 de segunda, 650 cadeiras de plateia, 700 na galeria e 120 nas varandas (...)*¹.

Em 1880 é licenciada a fachada principal e o acrescento das águas furtadas. Em 1909 são feitas obras nos camarotes e em 1910 o Teatro passa a ser designado Sá da Bandeira. Em 1912 são reconstruídos os camarins, implantados na cave.

A 1 de outubro de 1916 o teatro passa a ser explorado pela Sociedade Rocha Brito e Vigoço. No mesmo ano o átrio é ampliado e em 1927 é construída uma montra na fachada principal, que é novamente alterada em 1951.

Em 1953 é construída uma galeria em betão armado numa das lojas do piso térreo, que substitui um varandim em madeira.

Em 1956 é concluída uma *reconstrução* no interior. Apesar de não existir processo na CMP, a obra está assinalada numa cartela evocativa no interior da sala de espetáculos e numa placa no átrio, onde se lê: *Reconstrução Deste Teatro. 26-10-1956. Obra de Rocha Brito. Colaboradores: Arq. Mário Abreu / Eng. Arsenio da Fonseca.*

O realce dado a estas obras indicia que foram importantes. É por isso estranha a ausência de processo camarário. Esta ausência de processo, ou de quaisquer outros documentos, impossibilita-nos de saber em concreto o que foi alterado e/ou construído em 1956: Átrios e corredores laterais de acesso aos balcões? A sala de espetáculos? A cobertura e áreas técnicas?

A cartela evocativa da *reconstrução* está no interior da sala, na entrada principal da plateia, e é constituída por uma inscrição (1909 / Rocha Brito / 1956) inserida numa cartela de costelas, auriculares e acantos dourados, o mesmo tipo de gramática rococó usada no interior da sala. Isto quer dizer que a remodelação incidiu na sala espetáculos? Com que profundidade? Não conseguimos ainda esclarecer.

¹ ANDRADE, Sérgio C.; LIBERAL, Ana Maria; PEREIRA, Ana, *Casas da Música no Porto*. Porto: Fundação Casa da Música, 2009-2010. Volume 1, p. 56.



Com os dados disponíveis arriscamos a hipótese da estrutura fundamental da sala de espetáculos, incluindo a decoração, ser resultado da obra de 1874. Se for este o caso, a opção pela gramática rococó pode ser já considerada tardia, mas ainda assim compreensível para esta tipologia, quer porque o barroco se adequa bem ao carácter festivo e cenográfico do “mundo do espetáculo”, quer porque esta é ainda a linguagem ornamental dos grandes teatros coevos, que certamente serviram de modelo.

Por outro lado, se esta gramática decorativa resulta da obra de 1956 é absolutamente anacrónica e por isso parece-nos uma hipótese remota. Julgamos que o desenvolvimento da investigação – pesquisa de fotografias nos periódicos da época e pesquisa mais detalhada dos processos camarários – vai permitir responder a esta questão.

Em síntese:

Do ponto de vista construtivo, o imóvel foi objeto de muitas pequenas intervenções, mas julgamos que a estrutura fundamental resulta essencialmente das obras de 1874/80 (sala de espetáculos, bastidores, teia, fachada principal) e da reconstrução de meados dos anos 50 do séc. XX, que julgamos ter dado origem aos átrios, escadas e corredores.

Não estamos perante um edifício particularmente notável no plano arquitetónico. A fachada segue a linguagem em voga na 2ª metade do século XIX – um neoclássico almadino – mas com uma sobriedade invulgar para uma casa de espetáculos. Na verdade, nada a diferencia realmente de muitos outros de edifícios habitacionais construídos ao longo do século XIX e 1ª metade do XX na cidade do Porto.

No interior, o espaço para o público organiza-se em 4 níveis – plateia, tribuna e 2 balcões – com corredores periféricos e 5 caixas de escadas. A fachada e entrada principal estão voltadas para a Rua Sá da Bandeira, mas em posição lateral relativamente à sala de espetáculos. Parece ter existido uma entrada principal mais antiga, ao eixo, onde hoje se encontra o bar. O acesso a esta entrada só podia fazer-se pela Rua 31 de Janeiro, atravessando um dos prédios com frente para esta rua e tardoz adossado ao Teatro. Existe ainda uma ligação em túnel sob a Rua 31 de Janeiro, que vai desembocar na Rua da Madeira, ao lado da Estação de S. Bento.

A teia

Ao nível construtivo, o aspeto mais surpreendente é a sobrevivência da teia integralmente em madeira. As escadas, os passadiços e os estrados estão construídos entre as asnas da cobertura. Pelo meio observamos um complexo sistema de cordas e roldanas que, através de acionamento manual, permitem subir e descer os cenários, também eles presos a molduras de madeira.

O aspeto é simultaneamente arcaico e fascinante e faz-nos recuar à época pré-industrial, antes das modernas estruturas metálicas e dos motores elétricos. Supomos que os teatros da Antiguidade Clássica não seriam muito diferentes.



Do ponto de vista patrimonial, este é, sem dúvida, um dos elementos mais relevantes, embora também o mais passível de substituição em futuros melhoramentos.

Atividade

Quando consideramos a programação das várias salas de espetáculos, ao longo dos 170 anos de existência, a palavra que nos ocorre é ecletismo. Desde as artes circenses com que se apresentou à cidade, passando pelas zarzuelas e óperas cómicas, concertos de música clássica e óperas com intérpretes de renome mundial, atuações de Chaby Pinheiro, Maria Matos e Amélia Rey Colaço, teatro de revista, filmes para adultos, até concertos de grandes bandas da música contemporânea, no Sá da Bandeira foi possível «ver de tudo».

O percurso está bem descrito na obra citada, com cópias no processo. Sem querermos ser exaustivos destacamos:

- As interpretações da soprano austríaca Amalie Materna, que foi escolhida por Wagner para o papel de Brunnhilde na estreia de *O Anel do Nibelungo*;
- As interpretações da atriz francesa Sarah Bernhardt;
- As curtas metragens de Aurélio Paz dos Reis em 12 de novembro de 1896, no que se julga ter sido a primeira sessão de cinema português;
- Os concertos da Companhia Portuguesa de Ópera Lírica na década de 1930;
- A estreia mundial da *Sinfonia per orchestra* de Fernando Lopes Graça, em 7 de agosto de 1953;
- Os Concertos Culturais para a Juventude na década de 50;
- O festival Blue Spot entre 1998 e 2004;

Valor patrimonial

O Teatro Sá da Bandeira é a mais antiga sala de espetáculos da cidade e uma das mais antigas do País, com uma história que remonta a 1845 e atividade praticamente ininterrupta desde 1874. Constitui, deste ponto de vista, um verdadeiro *lugar de memória* do percurso das artes performativas nos últimos 170 anos. A programação do Teatro-Circo / Príncipe Real / Sá da Bandeira, permite traçar os gostos e práticas artísticas em Portugal desde meados do século XIX, nas suas múltiplas variantes: cultura popular (de massas), cultura erudita, *bas fond*, arte contemporânea, etc. É, neste campo específico, um espaço de enorme densidade histórica.

A longevidade e popularidade do Teatro fizeram dele uma referência na vida pública da cidade e no meio artístico nacional. Faz parte das vivências e memórias de muitas gerações e cumpre, desta forma, um dos papéis mais importante do património cultural, que é alicerçar a comunidade em elementos palpáveis, conferindo um sentido de continuidade que *unirá as gerações num percurso civilizacional singular*².

² Nº 1 do artigo 3º da Lei 107/2001.



Do ponto de vista material, o Sá da Bandeira segue os modelos dos grandes teatros e óperas oitocentistas, mas com uma concretização mais modesta. As composições rococó de auriculares, acantos e *putti* em talha dourada e estuque, as pinturas no teto, o papel de parede a imitar brocado, os sofás e carpintarias dos camarotes, evocam o ambiente das grandes salas, mas é evidente que estamos perante uma realização de 2ª linha.

Seja como for, a sala principal pode ser considerada já uma sobrevivência rara, dentro desta linguagem e acima de tudo conserva uma coerência global e autenticidade que a valorizam muito, enquanto exemplo de realização a meio caminho entre o erudito e o popular.

O resto do edifício é produto de várias adições e reconstruções (águas furtadas, camarins, montras, átrios e telheiros, etc.), mas as principais zonas públicas – átrio do piso térreo e escada principal – apresentam unidade de linguagem e qualidade arquitetónica. Julgamos que estes espaços correspondem à obra de 1956, da autoria do Arquiteto Mário Abreu.

Notável é, como já referimos, a teia e todo o mecanismo associado ao movimento dos cenários. Mesmo sem termos acesso a um levantamento exaustivo do panorama nacional, podemos afirmar tratar-se, seguramente, de um dos últimos exemplos do género em Portugal.

Em síntese, é possível reconhecer no Teatro Sá da Bandeira interesse histórico-cultural pela densidade histórica e pelo correspondente significado para a memória da cidade e do País e interesse estético e técnico construtivo, associado à sala principal e teia.

Parece-nos legítimo ter dúvidas sobre o posicionamento hierárquico do valor patrimonial – municipal ou público. Contudo, a longevidade e riqueza da atividade do teatro, a integridade e autenticidade da sala principal e a raridade e interesse técnico-construtiva da teia, parece-nos transportar o Sá da Bandeira para uma escala de âmbito nacional.

Assim, em face do exposto, propomos a abertura da instrução do procedimento de classificação do Teatro Sá da Bandeira, conforme representado na planta anexa a esta informação.

À consideração superior,

O técnico superior

David Ferreira

David Ferreira

Teatro de Sá da Bandeira

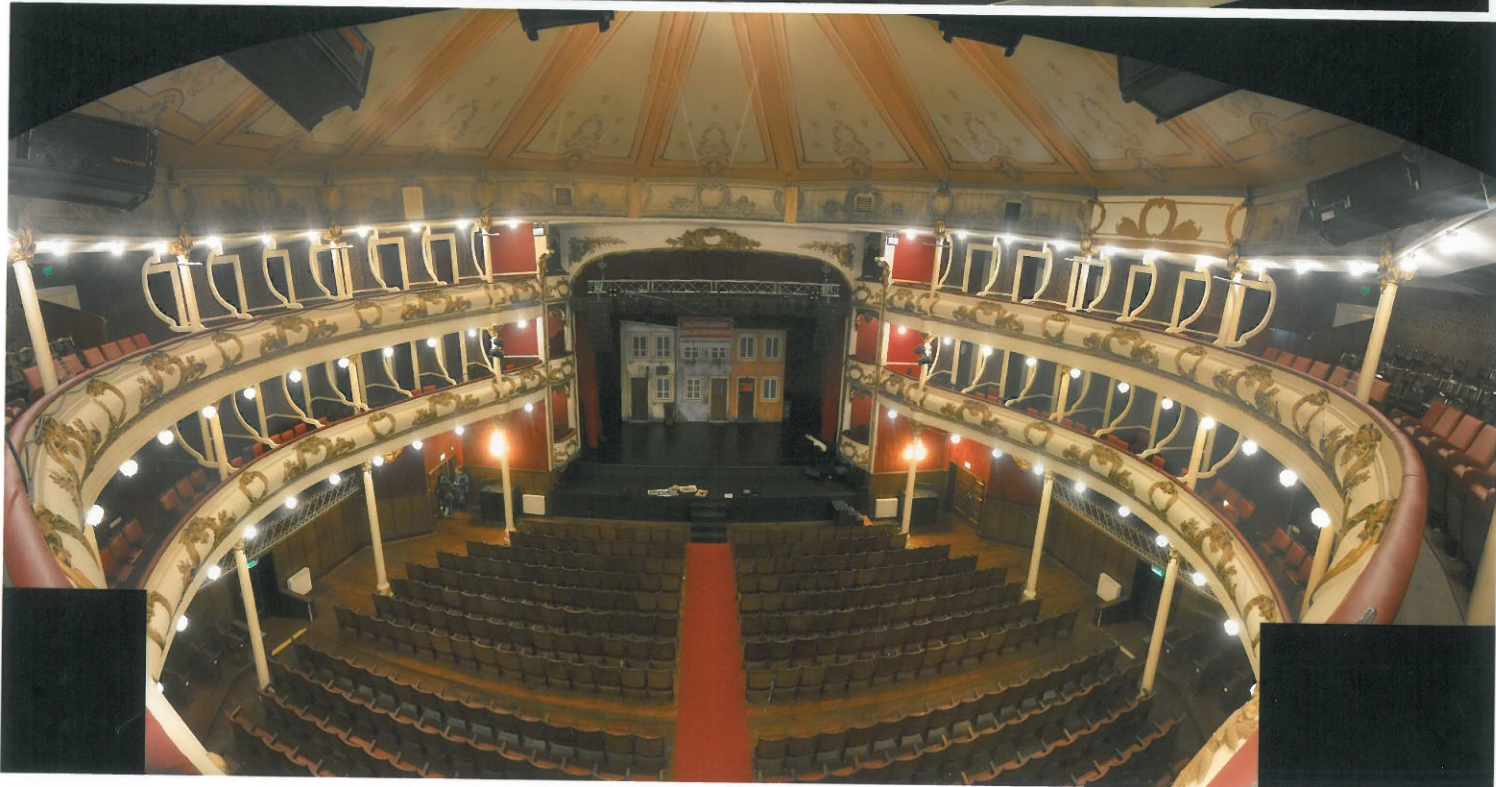
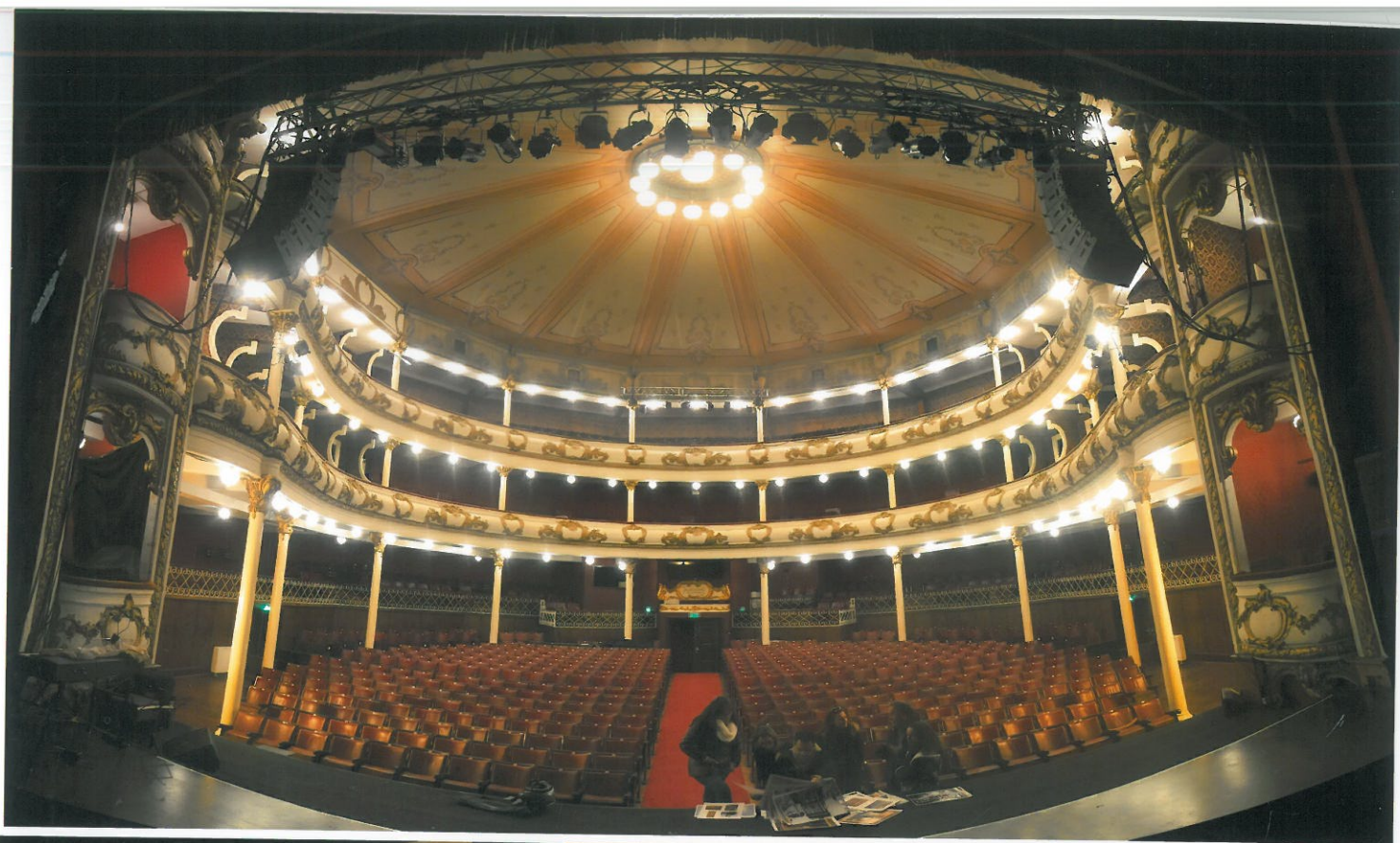
Rua de Sá da Bandeira, 94 - 108

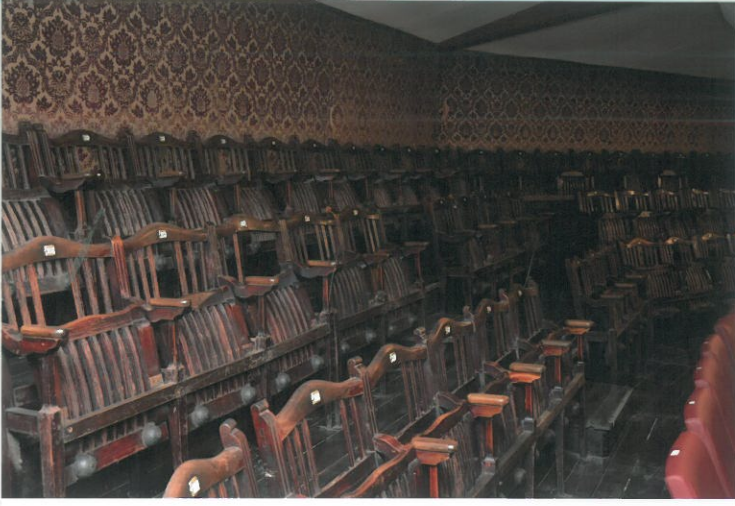
União das Freguesias de Cedofeita, Miragaia, Sto. Ildefonso, S. Nicolau, Sé e Vitória
Concelho do Porto

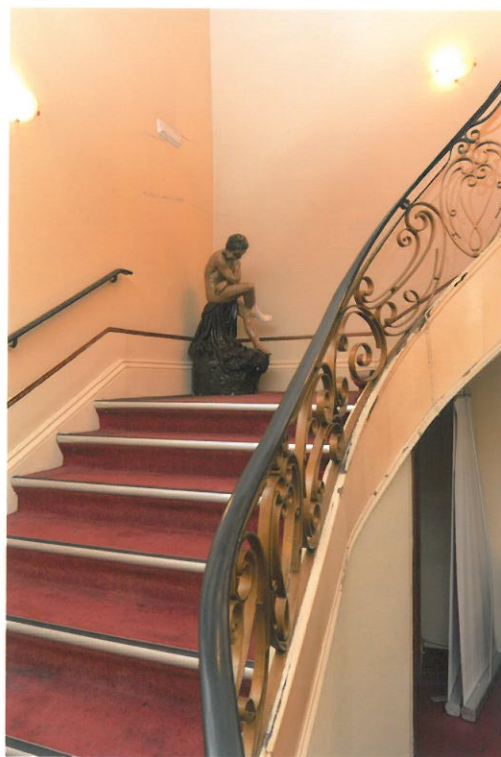
▲ Proposta de abertura de procedimento de classificação











Átrio, escada principal e
corredor de acesso ao 2º balcão



